

Aspectos vocais da prática no coro escolar juvenil: um estudo introdutório

GTE 04 – Canto Coral: ensino, pesquisas e práticas em diferentes concepções e contextos

Comunicação

Mísia Tavares da Cruz Araújo
Instituto Federal do Piauí - IFPI
misia.tavres@ifpi.edu.br

Patrícia Fernanda da Paixão e Oliveira
Instituto Federal do Piauí - IFPI
patricia.paixao@ifpi.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como tema a construção da consciência vocal no coro escolar juvenil, compreendendo os aspectos fisiológicos da voz do adolescente na faixa etária de 14 a 18 anos. O objetivo primordial deste estudo é, portanto, discutir os aspectos fisiológicos da voz do adolescente, tendo em vista o tratamento adequado dessas vozes em suas especificidades, incluindo a escolha do repertório, dentro da prática coletiva de canto na escola regular de ensino médio. Partindo das nossas inquietações enquanto professores de canto em corais juvenis, nossa meta é compreender as mudanças que ocorrem na voz dos indivíduos na fase da adolescência e quais seriam as metodologias apropriadas para o canto coletivo com alunos do ensino médio. O recurso metodológico utilizado para alcançar os objetivos propostos é a revisão bibliográfica que abrangerá os estudos de Mársico e Cauduro (1978), Carnassale (1995), Costa (2009, 2013, 2017), Mendonça (2011), Franchini (2014), Gaborim-Moreira e Ramos (2016), Kubo e Júnior (2016). Os resultados demonstram diversidade terminológica e conceitual neste campo de estudos e que a tarefa do regente de coros de adolescentes envolve outros aspectos que extrapolam os parâmetros meramente musicais.

Palavras-chave: Canto Coral, Coro juvenil, Consciência vocal.

1. Introdução

Dentre as práticas musicais coletivas realizadas em escolas regulares, o canto coral figura como atividade primeira entre as opções dos educadores musicais. Além de ser considerado como um importante instrumento de musicalização, o canto coral desenvolve “princípios de solidariedade, confiança, companheirismo e harmonia em grupo” (COSTA, 2009, p. 1), influenciando também na saúde emocional dos seus participantes. Na educação básica, a prática é um espaço para promover o aprendizado de música. No entanto, para a maioria dos integrantes de um coro escolar, a prática coral é a primeira experiência com aprendizagem em música e o professor também é seu primeiro instrutor vocal. Dessa

maneira, é imprescindível que o trabalho seja embasado e que o educador tenha conhecimento suficiente sobre saúde vocal, especialmente quando tratar de vozes infantis e em processo de muda.

Considerando esta perspectiva, poderíamos nos perguntar: Quais aspectos devem ser considerados na condução da prática coletiva de canto com adolescentes no ensino médio? De que maneira a compreensão sobre os processos de muda vocal do adolescente podem influenciar na implementação de metodologias apropriadas para o canto coral com essa faixa etária?

Em pesquisa realizada em 2014, com participantes de um coro com idade entre 10 e 18 anos, Rosa, Prestes e Margall (2014) concluíram que 60% dos cantores não sabem como a voz é produzida e que 80% destes não possuem cuidados com a voz. Porque a saúde vocal dos cantores influencia diretamente no resultado sonoro do grupo, consideramos importante:

desenvolver com os coralistas noções básicas de técnica e saúde vocal, em um processo contínuo de construção musical. Isso significa levar a criança a reconhecer as diferenças entre a voz cantada e a voz falada; identificar seus mecanismos respiratórios, bem como identificar a relação desses mecanismos com a produção vocal; estabelecer uma postura corporal que favoreça o canto; buscar clareza na dicção e expressão do texto cantado; experimentar diferentes formas de emissão vocal, sentindo como as mudanças na forma da boca e no posicionamento da laringe interferem na produção vocal e na qualidade sonora; estabelecer relações entre os sons ouvidos e os sons produzidos pelas pregas vocais, estimulando a atenção e a concentração; instituir parâmetros musicais (por exemplo, afinação, fraseado, dinâmica, agógica) que podem ser expressos pela voz; identificar características da execução vocal (como apoio, ataque, sustentação, ressonância, projeção) na prática do Canto, entre outras habilidades relacionadas à emissão vocal dentro de uma concepção musical” (GABORIM-MOREIRA; RAMOS, 2016).

Partindo desse pressuposto, o objetivo primordial deste estudo é discutir os aspectos fisiológicos da voz do adolescente, entre 14 e 18 anos, tendo em vista o tratamento adequado dessas vozes em suas especificidades, incluindo a escolha do repertório, dentro da prática coletiva de canto na escola regular de ensino médio. Nossa meta é compreender as mudanças que ocorrem na voz dos indivíduos na fase da adolescência e quais seriam as metodologias apropriadas para o canto coletivo com estes alunos.

O recurso metodológico utilizado para alcançar os objetivos propostos é a revisão bibliográfica. Como professoras do Instituto Federal do Piauí (IFPI), desenvolvendo

atividades na área de canto coral e técnica vocal, passamos por inúmeras situações que nos levaram a refletir sobre o tema. Motivadas através dessas experiências, iniciamos essa investigação que está em fase de desenvolvimento, tomando como base os estudos de Mársico e Cauduro (1978), Carnassale (1995), Costa (2009, 2013, 2017), Mendonça (2011), Franchini (2014), Gaborim-Moreira e Ramos (2016), Kubo e Júnior (2016).

2. A prática coral juvenil com alunos de ensino médio

De acordo com Gaborim-Moreira (2015) e Costa (2017), existe uma variação dos termos utilizados para corais de adolescentes. Isso acontece porque:

Não há um período preciso de anos para definir a adolescência, mas professores e pesquisadores tendem a concordar que este período de desenvolvimento se estende do ensino fundamental 2 ao ensino médio” (SWEET, 2016 *apud* COSTA, 2017).

Ainda de acordo com as autoras citadas, existe uma relação entre a faixa etária, a escolaridade e essas denominações, que são elas: coro infantojuvenil (entre 10 e 14 anos), coro juvenil (entre 14 e 18 anos) e coro jovem (entre 18 e 23 anos). Para este trabalho, adotaremos a denominação *Coro juvenil*, que engloba participantes com faixa etária entre 14 e 18 anos e que coincide com a faixa etária da última etapa da Educação Básica, o Ensino Médio. Também utilizaremos a denominação coro escolar, por entender que este possui características e especificidades em sua condução.

No contexto escolar, comumente encontramos vários desafios na condução das práticas coletivas em música. Talvez a maior delas seja a administração do tempo disponível com os alunos. Para a prática coral, especificamente, estabelecer os objetivos, o que deve ser ensinado e o repertório a ser trabalhado torna-se um fator crucial para o sucesso educativo dessa atividade.

A prática coral no ensino médio é desenvolvida com adolescentes em constantes mudanças físicas e hormonais e em processo de muda vocal. O trabalho com esses adolescentes pode ser realizado reunindo-se cantores das séries específicas do ensino médio, ou seja, um coro para cada turma, ou com um grupo de alunos das três séries. A proposta do trabalho deve ser clara para a direção da escola e, portanto, aceita pela mesma. No geral, a culminância de tais projetos são apresentações artísticas dentro da instituição ou

eventos na comunidade onde a escola está inserida. O trabalho deve ser ajustado ao calendário escolar a fim de obter sucesso em sua proposta, evitando assim a evasão de alunos, haja vista a enorme quantidade de atividades como provas e trabalhos que podem atrapalhar o andamento das atividades.

O ensaio é uma etapa vital do processo e deve ser planejado, objetivo e dinâmico. Segundo RHEINBOLDT (2018) :

Ao planejar o ensaio, é importante levar em consideração a minutagem de cada atividade, a quantidade de cantores, a faixa etária e seu respectivo tempo de concentração, os compromissos futuros do coro e o desenvolvimento vocal e musical almejado. O ensaio deve ser produtivo (RHEINBOLDT, 2018, p. 37).

Na maioria das vezes, o coral é composto por trinta a quarenta alunos, o que pode facilitar a condução da atividade. Dessa maneira, quanto maior o grupo, maior a possibilidade dos acertos encobrirem ou neutralizarem os possíveis erros” (COSTA, 2009 p. 85). Sobre os critérios de avaliação vocal, costumeiramente são realizados vocalizes para fazer saber a extensão e a tessitura vocal dos prováveis cantores. Tal procedimento interfere diretamente na escolha do repertório, que pode ir de cânones, canções a duas, três ou quatro vozes.

2.2 Muda vocal

A muda vocal ocorre na puberdade e está relacionada ao desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários, acarretando mudanças no aparelho fonador. Embora não exista um consenso sobre o momento em que essas mudanças ocorrem devido a questões como a puberdade precoce, a fatores climáticos e as peculiaridades de cada indivíduo, Carnassale (1995) nos dá uma noção sobre em que momento ocorreria esse processo. Citando Staloff e Spiegel (1989), diz que, nos meninos a mudança ocorre entre 9,5 e 14 anos, enquanto que, nas meninas, entre os 8 a 15 anos, estabelecendo-se, aproximadamente, entre 13,5 e 18 anos, no sexo masculino, e entre 12 e 16,5, no sexo feminino.

A muda vocal é um ponto de discussão e discordância entre pesquisadores no que diz respeito às atividades e as possibilidades para essa faixa etária, tanto no canto coral como no canto solo. No entanto, Mendonça (2011) afirma que as recentes pesquisas

realizadas permitem estabelecer alguns pontos: 1) A muda vocal ocorre nas meninas assim como nos meninos, porém de maneira menos perceptível; 2) A aula de canto traz benefícios aos adolescentes; 3) Existe estágios de desenvolvimento da voz masculina e da voz feminina; 4) O regente/preparador vocal precisa compreender a instabilidade e as mudanças da voz do adolescente para nortear seu trabalho de técnica vocal/consciência vocal, bem como na escolha do repertório adequado para essa faixa etária.

A muda vocal masculina ocorre com o crescimento rápido e desproporcional da laringe, dando origem ao pomo de Adão e pelo aumento do comprimento e engrossamento das pregas vocais. Carnassale (1995) afirma que:

As pregas vocais ganham tanto massa quanto espessura, em proporção, o que produz uma mudança de registro e de qualidade vocal, desde que mais do corpo das pregas vocais pode ser colocado em vibração e a glote pode permanecer fechada por mais tempo (CARNASSALE, 1995, p. 70).

Durante a muda vocal, a voz dos meninos oscila entre a voz infantil e a “nova voz de adolescente”, devido à oscilação das pregas vocais. As mudanças constantes, e até então desconhecidas pelo adolescente, não permitem que ele se adapte rapidamente ao novo padrão vocal. Para tal, ele precisará de tempo para perceber sua própria voz, bem como pela comparação dos modelos vocais no ambiente ao qual está inserido ou até mesmo fora dele.

Na voz feminina, as mudanças também ocorrem. Porém, de maneira mais sutil. Gackle (1991 *apud* Carnassale, 1995) afirma que, nas meninas, o fechamento glótico é incompleto devido ao enfraquecimento dos músculos inter aritenóideos. Essa contração insuficiente gera um espaço na parte posterior das pregas vocais, resultando em um som soproso e áspero.

Para Carnassale (1995),

Outro ponto a considerar é que a principal diferença entre o desenvolvimento da laringe no rapaz e na moça, durante a puberdade, diz respeito a direção do crescimento da laringe. A laringe do rapaz cresce principalmente no sentido "ântero-posterior" (aparecimento do Pomo-de-Adão), enquanto a laringe feminina aumenta mais em peso do que em tamanho. (CARNASSALE, 1995, p. 71)

Encontramos em Barresi (1985) discordância de Carnassale. Em sua visão, em ambos os sexos, as pregas vocais aumentam em intensidade, em peso total e qualidade da voz. Segundo o autor, a principal diferença entre a mudança vocal feminina e masculina se

dá com relação ao desenvolvimento da laringe: “nos meninos a laringe aumenta em comprimento e largura durante seu desenvolvimento até a fase adulta, enquanto que a laringe das meninas aumenta apenas em comprimento” (BARRESI, 1985 *apud* MENDONÇA, 2011 p. 14)

Todas essas mudanças acarretam dificuldades na condução da prática coral com os adolescentes. A muda vocal pode causar instabilidade no som produzido e, conseqüentemente, desafinação. Se os adolescentes não entenderem esse processo, podem ficar tímidos e desmotivados a participar do coral. Por entender isso, consideramos a “necessidade de se informar tanto os adolescentes em mudança de voz como todo o grupo vocal sobre o que é a muda vocal, o que está acontecendo com a fisiologia do aparelho fonador e destacar o fato de que é um período passageiro” (KUBO; JUNIOR, 2016, p. 6).

2.3 Classificação vocal

A classificação vocal no coral consiste na separação das vozes para constituição dos naipes comumente utilizados na prática coral. Porém, ao se classificar uma voz adolescente, devemos considerar os estágios que essa voz apresenta ao longo do processo de mudança vocal e suas características, que são importantes para compreendermos o som produzido em cada nível de desenvolvimento vocal do adolescente.

Considerando as características vocais dos adolescentes, Mendonça (2011) sugere alguns critérios que podem ser utilizados para a classificação vocal. São eles: **a tessitura** - a emissão de notas musicais sem esforço e com qualidade; **a extensão vocal**: a emissão de notas do mais grave ao agudo que o cantor consegue produzir; **a qualidade vocal**: diz respeito aos fatores biológicos e às alterações que o cantor pode fazer na forma do tubo de ressonância; **o registro**: diz respeito à divisão da voz em registros que são voz de peito, voz média, voz de cabeça; **a frequência da voz falada**: diz respeito ao tom médio da fala, “a nota preferida do cantor quando este fala” (MENDONÇA 2011, p.16).

Os critérios citados acima auxiliarão o professor/regente na classificação e definição dos estágios em que a voz adolescente se encontra. Definido esse estágio, o professor poderá desenvolver sua metodologia de trabalho como exercícios de técnica vocal e repertório adequado.

Nos corais de adolescentes, é comum que o regente/educador inicie o trabalho dividindo as vozes em dois grupos: as vozes agudas e as vozes graves. Haja vista que a participação dos alunos na atividade coral da escola não é obrigatória, existe uma predominância de vozes agudas, portanto o educador opta por adotar o formato SAB (Soprano, Contralto e Barítono), tendo como ponto de partida um repertório em uníssono e/ou fazendo jogos de pergunta e resposta.

2.4 Técnica vocal

O trabalho de técnica vocal voltado para o público adolescente deve ser pensado de forma a considerar as especificidades dessa faixa etária para desenvolver no adolescente uma voz saudável. Ele deve ser associado à escolha de um repertório adequado a fim de evitar esforço/ tensão desnecessário na hora de cantar.

A técnica vocal envolve exercícios de alongamento e aquecimento muscular, respiração e os vocalizes. Como nos adolescentes a laringe se encontrava em uma posição mais alta, antes da muda, o jovem cantor tem a tendência de levantar a laringe. Portanto, exercícios de abaixamento da laringe para evitar o excesso de tensão são bem vindos. Exercícios de controle respiratório e a percepção corporal dos pontos de tensão na emissão vocal também precisam ser utilizados no trabalho de técnica vocal com essa faixa etária.

A consciência corporal também é um aspecto a ser ensinado na prática coral, pois a postura adequada favorece uma respiração correta. Nesse sentido, exercícios de alongamento e aquecimento corporal podem ser aplicados para evitar o tensionamento dos músculos que interferem na emissão vocal.

A respiração, no canto, quando comparada à fala, necessita de maior controle e pressão. O cantor precisa aprender a respirar usando os músculos torácicos, abdominais e intercostais, que são imprescindíveis para o processo fonatório e para o canto de alta pressão.

Outra etapa importante da técnica vocal são os vocalises. Segundo Coelho (1994), “vocalizar é exercitar e desenvolver possibilidades técnicas da habilidade vocal” (COELHO, 1994, p. 67). Os vocalises deverão ser curtos, a fim de evitar a fadiga no cantor. Um exemplo de vocalise é aquele proposto por Cruz (2011), que visa preparar o cantor para o repertório escolhido, deixando a voz numa região de maior ressonância, produzindo, em outras palavras, o som de cabeça.

Figura 1- Vocalise - Para arredondar o som e localizar a voz na cabeça



Fonte: CRUZ (2011, p. 44)

Acreditamos que o professor também deve realizar vocalises pensando no repertório proposto, que os exercícios não devem ser isolados, e sim conectados à literatura ensaiada.

2.5 Seleção de repertório

A seleção da literatura a ser interpretada por grupos vocais ou instrumentais é uma das tarefas mais complexas para os educadores. Há que se considerar as características destes grupos, o nível de desenvolvimento musical dos seus participantes e os objetivos a curto, médio e longo prazo. No contexto escolar, e especificamente com os adolescentes,, somam-se as mudanças fisiológicas e as características do coro escolar.

Considerando que “o repertório é para o coro o que o alimento é para o corpo: deve ser rico, variado e adaptado” (KAELIN, 1963 p. 821 *apud* MÁRSICO; CAUDURO, 1978, p. 48), diversos pesquisadores vêm, ao longo dos anos, estabelecendo critérios para seleção do mesmo. Apesar de cada grupo possuir limitações específicas, autores como Carnassale (1995), Rheinboldt (2018), Costa (2007, 2009, 2017) e Mendonça (2011) concordam que o repertório deve levar em conta aspectos motivacionais, que considerem os adolescentes como sujeitos com participação nesta seleção, bem como fisiológicos, isto é, que ele deve ser progressivo e que culmine com o desenvolvimento musical de seus participantes.

A adolescência é um período de grandes descobertas. Grande parte da construção da individualidade, saberes e crenças começam a ser desenvolvidos nessa etapa da vida. O gosto musical sofre mais influência dos amigos e da mídia e se faz necessário, por parte do educador musical, considerar estas vivências na escolha do repertório a ser trabalhado.

Trata-se de uma “flexibilidade na escolha do repertório, sobretudo para que a atividade mantenha o interesse das partes envolvidas” (COSTA, 2017, p. 57).

Sobre a utilização de músicas que já fazem parte do universo dos jovens e a disponibilização de arranjos que atraiam os adolescentes e possibilitem o trabalho inicial de educadores e regentes, Costa (2013) observa que:

[...] podemos recorrer aos arranjadores de peças populares que muito têm contribuído para a difusão da atividade coral entre a garotada. Devido à riqueza de nossa MPB, da maleabilidade do *rock’n’roll*, do pop e de outros estilos diretamente ligados à estética da juventude, unidos à criatividade de vários arranjadores, começa a aparecer em nosso país a produção de arranjos corais de músicas que caem no gosto dos cantores mais jovens e entusiasma os profissionais que trabalham com coro juvenil (COSTA, 2013, p. 47).

Acreditamos, porém, que o trabalho com os adolescentes não deve ficar restrito a esse tipo de experiência. A educação musical, dentro da prática coral, deve ser realizada a fim de que seja garantido aos seus participantes uma ampliação dessas vivências musicais. Para garantir uma experiência progressiva, através do repertório, “é preciso começar com melodias em uníssono para, depois, passar aos cânones e às melodias a duas e mais vozes” (MÁRSICO; CAUDURO, 1978, p. 48).

Há alguns anos o acesso ao repertório para coro juvenil era mais difícil, pois havia o desconhecimento de compositores e arranjadores em geral, das particularidades da voz juvenil (Oliveira, 1995[1]). Outra questão apontada por Costa (2019) é o uso de canções escritas para o público infantil ou para o público adulto e que ambos podem tornar o trabalho com o coro juvenil complicado. O repertório dos adultos tem tessitura mais ampla, o que pode ser difícil de ser executado para os adolescentes em processo de muda vocal e o repertório do público infantil pode ser pouco motivador. No entanto, observando a progressividade de repertório com o coro juvenil e a utilização do repertório infantil adaptado aos adolescentes, Franchini (2014) comenta:

Canções do repertório infantil podem apresentar complexidades e mostrar-se atrativas para os adolescentes à medida que o regente as apresente de tal forma. As canções do Guia Prático, de Villa-Lobos, bem como as canções folclóricas nacionais são exemplos de canções infantis que os regentes podem aproveitar para trabalhar com os adolescentes. O texto geralmente é simples, de fácil compreensão e interpretação, desta forma, o foco de interesse deve se voltar aos elementos essencialmente musicais e na maneira como a canção será interpretada pelo coro. Deve-se propor a

execução desse tipo de repertório de diversas formas, inclusive em uníssono, que apresenta-se muitas vezes com extrema dificuldade (FRANCHINI, 2014 p. 108).

No contexto escolar, é comum que esses grupos formados por adolescentes sejam inseridos na programação das festividades do calendário escolar. Nesse sentido, os educadores musicais poderão fazer um levantamento das possíveis apresentações e pensar um repertório característico para cada ocasião. As adaptações à tessitura e à extensão dos cantores, ou se serão executados em uníssono, duas ou três vozes, quando pensadas com antecedência, facilitarão este trabalho.

2.6 Metodologias do ensaio

O estabelecimento de metas e o planejamento das atividades a serem realizadas em cada encontro com os alunos, é de fundamental importância para o sucesso da atividade coral. Com os adolescentes, a implementação de uma rotina para esses encontros pode contribuir para a construção de um ambiente seguro, que transmita aos seus participantes confiança em relação aos resultados. Leck (2009) descreve uma rotina, que evidencia a importância dos processos de preparação vocal.

Antes dos cantores serem convidados a cantar, eles começam em silêncio, liberando suas preocupações diárias para se focarem na arte do canto. O aquecimento vocal começa com técnicas de relaxamento e alongamento, com a postura adequada e com a administração da respiração. Os exercícios vocais treinam os músculos envolvidos no canto e estimulam uma prática mais consciente. Os exercícios começam com a entonação da “nota de memória”, seguida de notas sustentadas com os sons das vogais básicas. A sensação física assegura a colocação vocal frontal e a formação unificada das vogais. Em seguida, vem vocalises que aumentam a agilidade vocal, facilitam a consistência entre a voz de cabeça e a voz de peito, ampliam a tessitura, incentivam o relaxamento e a flexibilidade do som, promovem a ressonância frontal e facilitam a articulação clara. Isso tudo é alcançado de forma eficaz, através das âncoras de aprendizagem sensoriais: a auditiva, a visual, a sinestésica e a de movimento (LECK, 2019, p.13).

Embora o trabalho de Henry Leck seja voltado para o preparo vocal de coros infantis, acreditamos que esses pressupostos podem ser utilizados no trabalho com adolescentes. A sequência apresentada é a da dinâmica comumente utilizada por corais em geral. No entanto, a descrição apresentada enfatiza a construção da consciência vocal, considerada por essas autoras de grande importância para o sucesso da atividade.

Esse processo, descrito por Leck, teria uma duração máxima de 6 minutos da totalidade do tempo destinado ao ensaio. Porém, baseado em observações gerais, e na nossa própria prática docente, acreditamos que, na realidade dos coros brasileiros, o tempo destinado a essa preparação varia em torno de 10 a 15 minutos e, considerando a duração do ensaio de 50 minutos do coro escolar, esta preparação pode ainda apresentar variações para mais ou para menos tempo.

Costa (2009) nos traz a perspectiva de construção de um ambiente onde haja entrosamento entre os adolescentes, visto que os grupos formados nas escolas podem ou não envolver alunos das mesmas séries e que por consequência, se conheçam. Ela comenta que “através do lúdico, pode-se obter o fortalecimento das relações interpessoais, estimulando o companheirismo entre os componentes do grupo” (COSTA, 2009, p. 90).

Acreditamos que o lúdico, apontado pela autora, envolva também a adaptação de vocalises utilizados no momento destinado ao preparo vocal dos adolescentes nos ensaios. É da experiência de uma das autoras deste trabalho, a utilização de exercícios propostos pela autora Thelma Chan, em seu livro “Divertimentos de corpo e voz”, que propõe o desenvolvimento da dicção, emissão e afinação vocal através de exercícios diversos denominados de “divertimentos”. Avaliamos a utilização desses exercícios com um grupo de cantores do ensino médio de forma positiva. A utilização de frases nos vocalizes e acompanhamentos por playback envolveram os alunos, tornando a atividade mais proveitosa.

As atividades propostas por Rheinboldt (2018) para o preparo de vocal de coros infantis podem ser adaptadas e utilizadas no contexto de coro juvenil, incluindo exercícios de postura, respiração, ressonância e aquecimento vocal, como, por exemplo, os vocalizes cantados nos quais a autora explora o som de animais trabalhando com os fonemas (z, v e j). Vocalizes para treinar a colocação vocal onde são trabalhadas diferentes sonoridades com a finalidade de conscientizar as crianças sobre o local correto da voz (RHEINBOLDT, 2018, p. 76-77; 86-87).

A minutagem de cada atividade realizada nos ensaios varia de acordo com os objetivos da proposta. De acordo com Figueiredo (1990), “o conhecimento que o regente tem do grupo, assim como o conhecimento que tem das peças, das dificuldades e dos objetivos a serem alcançados, permite uma organização de tarefas de maneira equilibrada” (FIGUEIREDO, 1990 p. 24). O autor também sugere a realização dos ensaios das canções

através de etapas, trabalhando dessa forma o texto, ritmo, melodia, harmonia, textura, forma e fraseado.

Para todos os grupos corais, o ensaio é o momento onde todo conhecimento musical é construído. É dever do educador cuidar para que estes encontros não se tornem enfadonhos. Basear o ensaio, por exemplo, apenas em uma música que os adolescentes tenham dificuldades, pode tornar o trabalho cansativo, assim como ensaiar somente peças fáceis pode não ser motivador e, conseqüentemente, levar a acomodação dos jovens perante a atividade.

3. Considerações finais

Os processos de muda vocal são abordados por muitos pesquisadores. No contexto educativo-musical, percebemos que há ainda muito a ser explorado, sobretudo no que diz respeito à metodologias apropriadas para o canto coletivo. É sabido que os processos de muda vocal existem e que influenciam na qualidade do som produzido, na autoestima dos adolescentes e na condução do canto coletivo. No entanto, encontramos poucas propostas voltadas especificamente para esse público. Esta pesquisa inicial, de caráter bibliográfico, servirá como ponto de partida para produções futuras na área do canto coral com adolescentes no contexto da escola básica.

Referências

CARNASSALE, Gabriela Josias. *O ensino de canto para crianças e adolescentes*. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Artes, 1995.

COSTA, Patrícia Soares Santos. *Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade? Música na educação básica*. Porto Alegre, v.1, n.1, outubro de 2009.

CRUZ, Gisele. Canto coral infantojuvenil básico 1. Col: Ricardo Cardim. São Paulo: Associação dos amigos do Projeto Guri, 2011. Disponível: <http://www.projetoguri.org.br/novosite/wp-content/uploads/2017/11/Livro-Educador-Canto-Coral-infantojuvenil_edicao-2011.pdf> Acesso em 30 de setembro de 2021.

FIGUEIREDO, Sérgio Luis Ferreira. *O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 1990.

FRANCHINI, Rogéria Tatiane Soares. *O regente como educador musical: saberes para a prática do canto coral com adolescentes*. 2014. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FUNARTE. Um novo olhar: arte e capacitação de professores e regentes para inclusão. FUNARTE. 2020. Disponível: <<https://umnovoohar.art.br/projeto>> Acesso em: 09.agosto.2021.

KUBO, Viviane Alves; JUNIOR, Levy Lopes. Muda vocal e educação musical: *contribuições do Núcleo de Prática e Pesquisa em canto do curso de Licenciatura em Música da PUCPR na formação dos licenciandos*. XVII Encontro Regional Sul da ABEM, Curitiba, 2016.

LECK, Henry. *Creating artistry through choral excellence*. 1st Ed. USA: Hall Leonard, 2009.

MÁRSICO, Leda Osório; CAUDURO, Vera Regina Pilla. *O canto na escola de primeiro grau: uma nova abordagem com proposição de um modelo para desenvolvimento da expressão músico-vocal de crianças e adolescentes*. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1978.

MENDONÇA, Rita de Cássia. *ADOLESCENTE E CANTO: definição de repertório e técnica vocal adequados à fase de mudança vocal*. Dissertação apresentada ao programa de mestrado em música da Universidade Federal de Goiás, março de 2011.

OLIVEIRA, Vilson G., *O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil “a cappella”*. 1995. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RHEINBOLDT, Juliana Melleiro. *Preparo vocal para coros infantis: considerações e propostas pedagógicas*. Dissertação de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Artes, 2018.

ROSA, Milka Botaro; PRESTES, Raquel; MARGALL, Soraya Abbes Clapes. *Caracterização dos aspectos vocais de um coro infantojuvenil*. In: Rev. CEFAC. Set-Out; 16(5), p.1606-1614, 2014.